

Caça aos transmissores

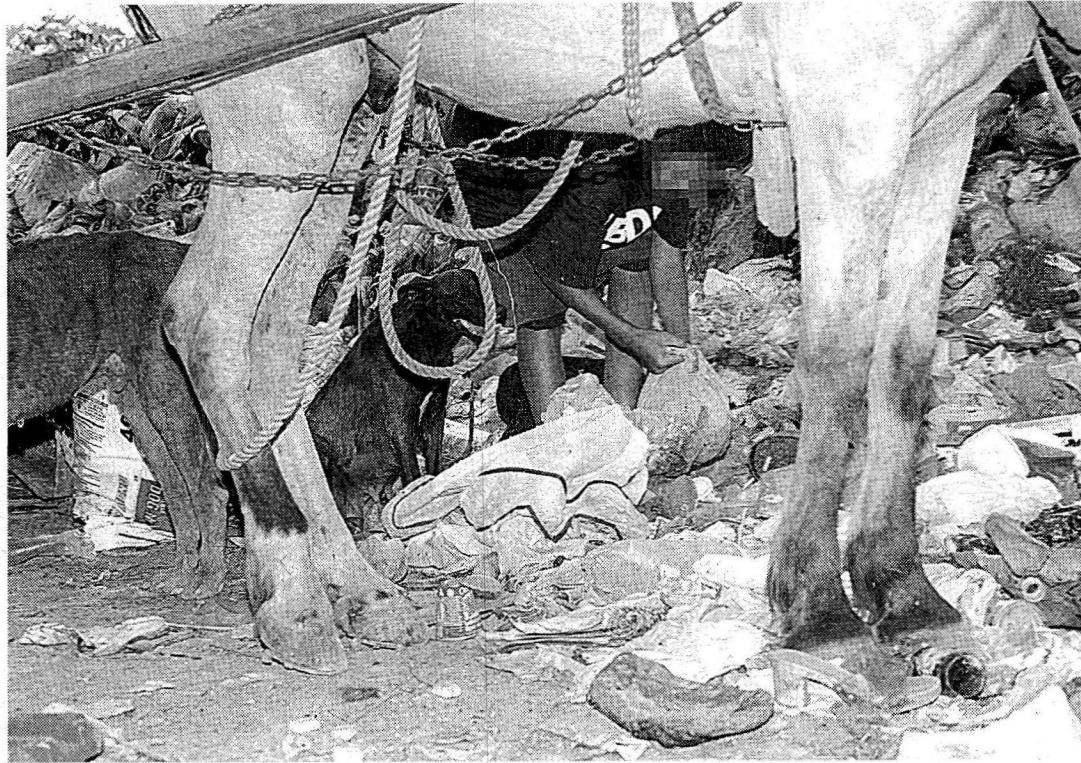
Joana Wightman

Uma equipe da Vigilância Ambiental faz hoje uma vistoria no Centro Integrado de Guerra Eletrônica, em Sobradinho, onde trabalha um militar do Exército que foi infectado pela hantavirose. O homem, de 32 anos, já se recuperou da doença, transmitida por ratos. Ele foi o primeiro caso de hantavirose confirmado no DF este ano. Enquanto isso, a Secretaria de Saúde aguarda o resultado de um exame sorológico que pode comprovar ou não se a morte de um morador do Lago Oeste, no último domingo, foi causada pelo hantavírus.

De acordo com o subsecretário de Vigilância em Saúde, Joaquim Barros, no caso de Sobradinho, há suspeitas que o militar tenha contraído a hantavirose em seu local de trabalho, que fica em uma área rural. Mas também existe a possibilidade de o contágio ter ocorrido no interior de Goiás, onde ele foi acampar, dias antes de apresentar sintomas da doença, como febre alta e dores no corpo.

Agora, os agentes vão instalar armadilhas para capturar roedores. Em três dias uma equipe vai retornar ao Centro do Exército para recolher os animais pegos nas armadilhas e fazer uma triagem. "A partir daí faremos uma análise laboratorial para constar se os roedores apanhados são ratos-do-rabob-peludo, que é a espécie transmissora da hantavirose", informou Barros.

Segundo ele, uma equipe da



RENATO COSTA/CEDOC

■ ACÚMULO DE LIXO E FALTA DE CUIDADO COM RESTOS ATRAEM OS ANIMAIS QUE TRANSMITEM A DOENÇA

Vigilância Ambiental já esteve no lugar e colheu materiais para análise. O subsecretário disse ainda que a proposta é reforçar as ações de prevenção entre os militares que trabalham no Centro Integrado em Sobradinho.

■ Prevenção

"Além das armadilhas, vamos realizar palestras, orientando sobre os cuidados na higiene e na limpeza dos ambientes para não atrair os ratos", enfatizou Barros. Ele esclareceu que a época da seca aumenta a presença dos roedores, que vão até as casas à procura de comida por causa da escassez de alimentos na mata.

O subsecretário destacou

que o DF conseguiu reduzir de sete casos, em 2007, para apenas um este ano. "Este ano, a queda no número de casos superou nossas expectativas", comemorou. Para ele, os bons resultados se devem a uma antecipação nas campanhas de prevenção à doença que começaram mais cedo este ano. Em vez de iniciarem em abril, as ações de combate começaram em março.

Barros garante que as ações de controle a hantavirose terão continuidade nos próximos anos e aproveitou para pedir colaboração dos moradores do DF. "Precisamos contar com o apoio da população para aumentarmos a prevenção. Só as-

sim poderemos reduzir para zero o número de casos de hantavirose", reforçou Barros.

■ Lago Oeste

No Lago Oeste, a população está apreensiva com a possível morte de um morador devido à hantavirose, mas sem alarde. No caso em que há suspeita da doença, o homem, de 46 anos, faleceu no Hospital Santa Lúcia, no domingo. O resultado do exame que comprova ou não a presença do hantavírus deve sair na próxima semana. Após recolhidas amostras de sangue do doente, os médicos descartaram as hipóteses de febre amarela, dengue e leptospirose.

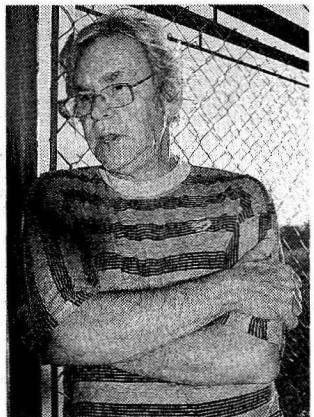
A hantavirose ameaça o Lago Oeste?

FOTOS: ANDRESSA ANHOLETE



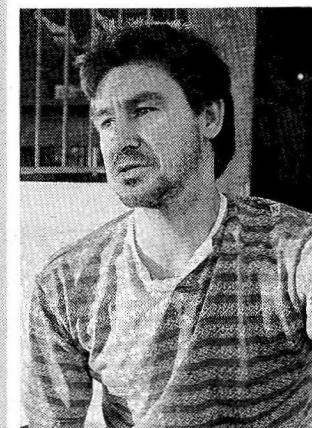
"Não estou preocupada porque tomo todas as precauções necessárias. Mas acredito que as medidas de segurança contra a hantavirose devem ser adotadas tanto na área rural, como na urbana."

Eliana Santiago,
50 anos, advogada



"Ainda não considero a doença uma ameaça. A minha preocupação é seguir as orientações de limpeza. Não deixo o mato alto e nem o lixo espalhado, que são os grandes problemas."

Marco Antônio Ferreira,
62 anos, aposentado



"Fiquei preocupado quando vi a suspeita de um caso que acabou em morte. Fiz a limpeza de todo o terreno em volta da casa e não deixo restos de alimentos no canil nem no galinheiro."

Antônio Silva, 41 anos,
caseiro



"Não nos ameaça. Desde que ouvimos falar da doença, há quatro anos, já adotamos as precauções. Mantendo a vigilância na limpeza da casa, além de me preocupar com o armazenamento do lixo"

Geralda Fernandes,
52 anos, jornalista